

CRASE

#10

Maio - 2011

Ano 1 - 10ª Edição - Maio - 2011

Bianca Comparato

A Pequena Notável

Tragédia com Audiência

O Lucro Acima de Tudo

Arte em Movimento

*Quando o Teatro
vira Cinema*

Sonhando Acordado

A Antítese dos Sonhos



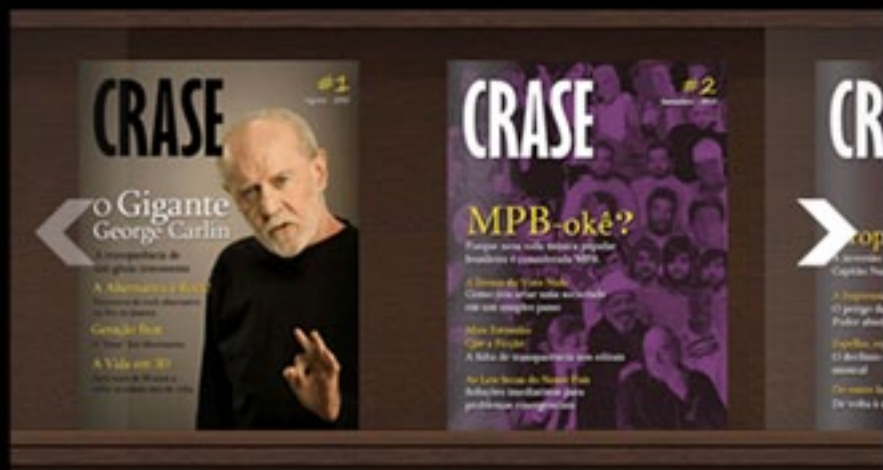
REVISTA
CRASE

**Leve todas as
edições da Revista
Crase com você.**

Pra quem pensa. Ao Contrário.

m.revistacrase.com.br/edicoes

REVISTA CRASE



edição atual | edições anteriores

blog da redação | colunas | facebook | twitter

REVISTA CRASE

índice

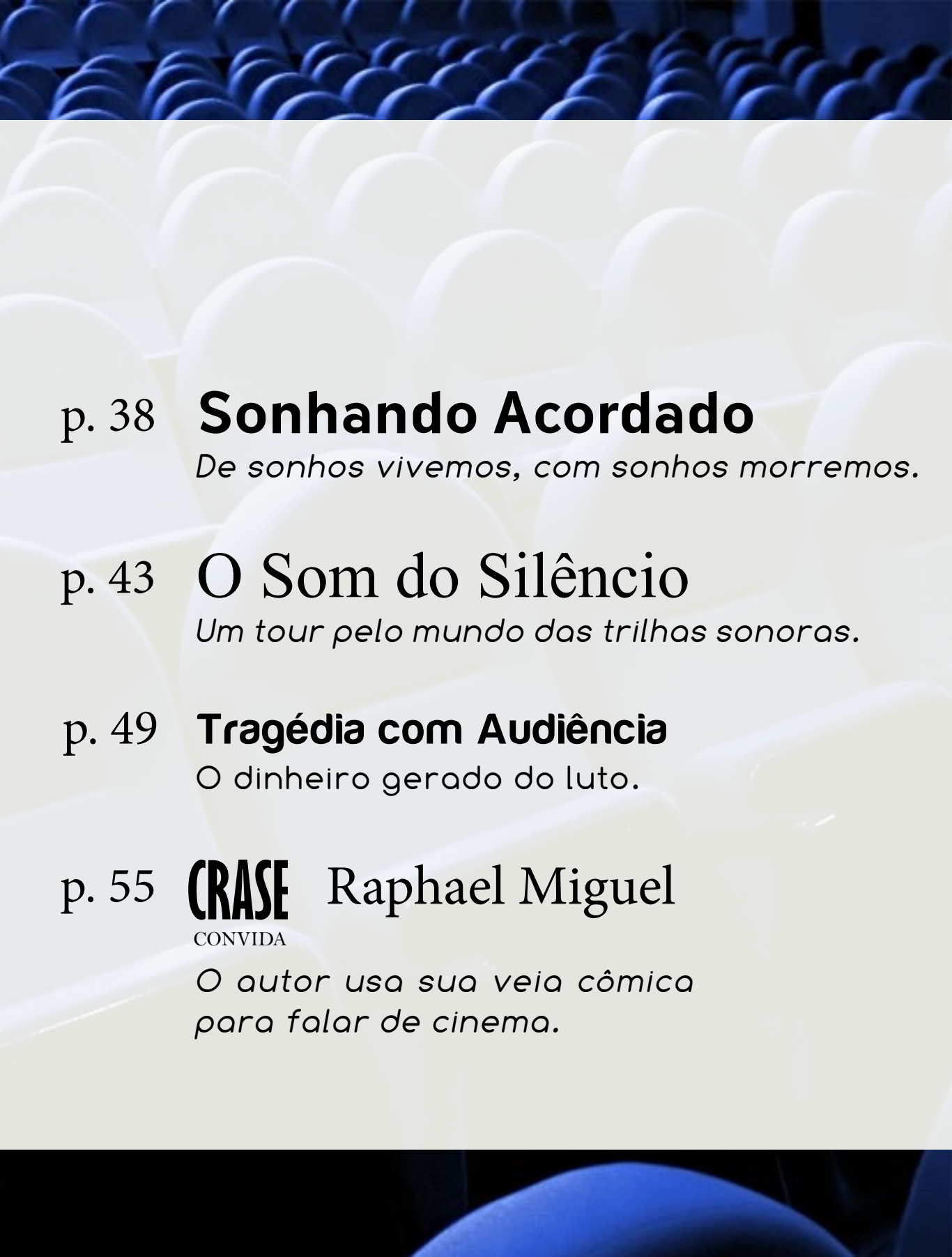
p. 08 **Editorial**

p. 10 **Crônica de uma adaptação não realizada.**
...porém, muito aguardada.

p. 16 **Arte em Movimento**
Longas do Teatro Brasileiro.

p. 21 **Desejos camuflados no Cinema**
A utopia consumista provocada pelo cinema.

p. 26 **Bianca Comparato**
Um pouco sobre a vida de Bianca Comparato.

- 
- p. 38 **Sonhando Acordado**
De sonhos vivemos, com sonhos morremos.
- p. 43 **O Som do Silêncio**
Um tour pelo mundo das trilhas sonoras.
- p. 49 **Tragédia com Audiência**
O dinheiro gerado do luto.
- p. 55 **CRASE** Raphael Miguel
CONVIDA
O autor usa sua veia cômica para falar de cinema.

REVISTA CRASE

DIRETORIA

Direção-Geral: Dans Souza e Rafael Farah

Diretor de Redação: Rafael Farah

Diretor Executivo: Diego Senra Dansiger

REVISTA CRASE

Redatores: Cadu Senra, Clarissa Affonseca,

Emílio Farah, Leandro Bertholini,

Tiago Garcia, Vinícius Baião

Revisor: Thiego Balteiro

Produção: Yves Araujo

ARTE

Diretor de Arte e Diagramação: Nicolas Dani

Assistente: Clarissa Affonseca

FOTOGRAFIA

Editor-Responsável: Diego Val

INTERNET

Desenvolvedor: Makerz

CAPA

Fotógrafo: Lucas Bori

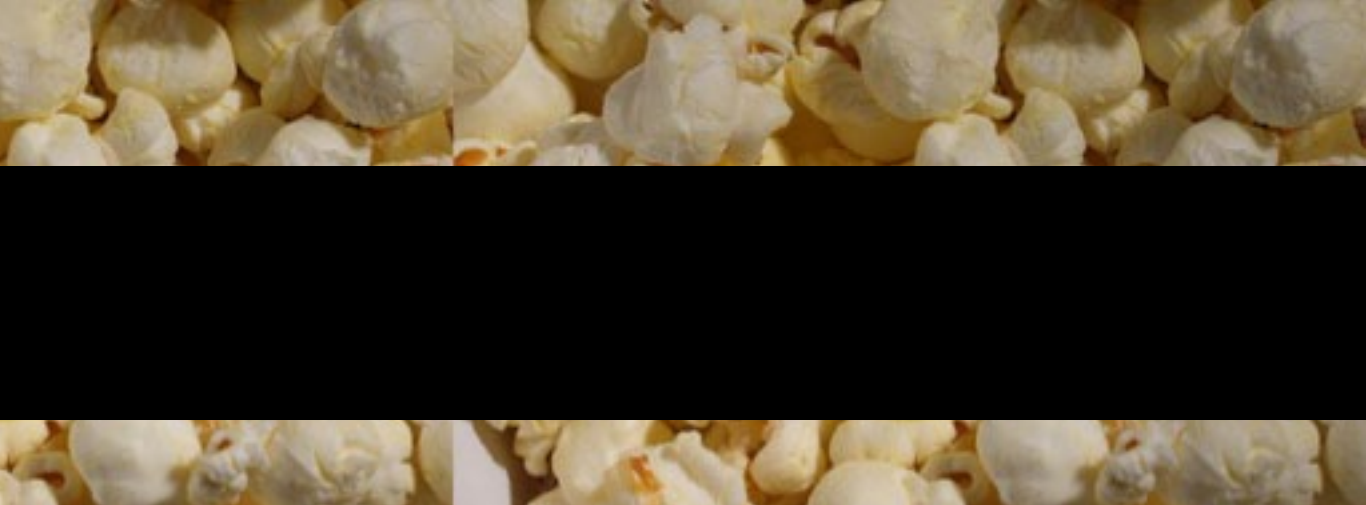




Editorial

A sétima arte. Não é a primeira, a segunda, a terceira. Pode-se dizer que é a mãe adotiva das artes – já que foi a última a nascer -, dentro dela se agregam todas as outras seis. Arquitetura, escultura, pintura, gravura, música e teatro, todas elas são exibidas a partir de uma só. É claro que cada uma tem seus valores individuais quando exibidas separadamente, mas só a telona consegue misturar todas e criar muitas sensações e reflexões a partir de uma única expressão artística, considerada por muitos a melhor ferramenta de comunicação de massa.

Em uma singela homenagem à matriarca das artes, neste mês a Crase fala sobre “uma por todas e todas por uma”, em diversos segmentos. Peças de teatro,




que foram imortalizadas ao saírem dos palcos e irem para os cinemas. A regressão na qualidade das trilhas sonoras, que no início eram - em sua grande maioria - brilhantes. Até o mundo da moda passa por um intercâmbio de ideias e tendências com as grandes películas expandindo sua influência para muito além das passarelas.

Ainda temos a presença de Bianca Comparato nesta nova edição. Produtora e atriz, ela mostra seu amor pelas artes e conta sobre sua vida, dificuldades e trabalhos, que vão desde filmes espetaculares a produções de mostras culturais.

Rafael Farah





Crônica de uma adaptação não realizada. ...porém, muito aguardada

por Vinicius Baião

E escrever sobre a relação existente entre cinema e literatura é terreno perigoso, com alta possibilidade de se cair em clichês e ser parcial ao comentar sobre adaptações cinematográficas de obras literárias. Quem de nós já não ouviu alguém dizer que o livro é melhor que o filme ou vice-versa? E

quantos outros já não ouviram explicações – ou até mesmo as fizeram – baseadas nas diferenças de linguagem entre o cinema e a literatura, dizendo que são meios de comunicação diferentes, e, por isso, exigem prioridades também diferentes.

Falas desse tipo são, geralmente, repro-

duzidas por todo tipo de pessoa que, em algum momento, ouviu de algum especialista esses conceitos e tratou de fixá-los em seu arsenal de platitudes. Aqueles que se dedicaram a estudar este tema costumam dizer que, mesmo o pesquisando por longos anos, tudo o que descobriram e publicaram a respeito ainda é muito pequeno. A roteirista Pilar Fazito, em coluna publicada pelo site Digestivo Cultural, diz que mesmo tendo investigado este tema durante todo seu mestrado, o máximo que conseguiu foi tirar “uma lasquinha da ponta de um iceberg.” E conclui, afirmando que ainda que “continuasse com o trabalho por mais quinze

anos, não teria mais do que outra lasquinha.”

Como solução para não repetir, como tanto se faz por aí, conceitos rasos sobre este tema, por que não escrever sobre um dos maiores clássicos da literatura mundial, que apesar de inúmeras tentativas de produtores e do desejo do público, ainda não teve nenhuma versão cinematográfica? Cem anos de *Solidão*, de Gabriel Garcia Marquez.

“...Obra literária
que já nasce
clássica...”

Principal marco do chamado “Realismo Fantástico”, Cem anos de solidão pertence àquele caso raro de obra literária que já nasce clássica, não dependendo da autoridade do tempo para se alçar a este patamar, sendo considerada leitura imprescindível a todos que têm apreço por literatura. O enredo narra a saga de sete gerações da família Buendía, no fictício povoado de Macondo, desde sua fundação até seu desaparecimento.

A trama criada por Gabriel Garcia Marquez apresenta personagens que fogem do arquétipo do herói tradicional e tem como grande protagonista a própria



Gabriel Garcia
Marquez

cidade de Macondo. Por lá, traços marcantes da América Latina, como a superstição e a religiosidade ganham destaque, assim como o imperialismo americano e uma tentativa de resistência local. Além disso, podemos ver o povoado como um microcosmo da sociedade ocidental, com conflitos resultantes de guerras políticas, religiosas e

econômicas, com surtos de industrialização, com embates entre religião e ciência. Há espaço ainda para abordagem da organização familiar e sua desintegração. E é exatamente este ponto o crucial para o entendimento da obra, pois, ao longo de um século, a história da família Buendía se confunde, a todo momento, com a história de Macondo.

Gabriel Garcia Marquez vem, declinando de investidas pelos direi-

tos de filmagem de sua obra, o que aumenta ainda mais a expectativa. Os motivos que o fazem agir de tal modo são, possivelmente, o descontentamento do autor – que é profundo conhecedor de cinema - com adaptações de outras obras suas e a manutenção da aura que envolve Cem anos de Solidão, pois uma vez filmado, independentemente da qualidade da adaptação, certamente, pipocarão comentários como os descritos lá no início. ■





Cem Anos de Solidão (1967)

Autor: Gabriel Garcia Márquez

Editora: Iluminuras



Prêmio Nobel
de Literatura

Publicado em 1967, a incrível e triste história dos Buendía - a “estirpe de solitários” para a qual não seria dada “uma segunda oportunidade sobre a terra” - é a obra-prima do escritor colombiano, nascido em 1928 e vencedor do Nobel de Literatura de 1982.





Arte em Movimento

Quando o teatro vira cinema presenciamos a elevação da 5ª em 7ª arte.

por Leandro Bertholini

Desde o início do período em que se comemora a retomada do cinema brasileiro (1995), é cada vez mais comum a adaptação de espetáculos teatrais em obras cinematográficas que ganham o mercado internacional, abrindo as portas do mundo para o

cinema brasileiro. Basta um espetáculo teatral passar dos 400 mil espectadores para se tornar forte candidato a uma adaptação para a tela grande. É claro que para se obter o sucesso nos palcos, a ponto de merecer uma adaptação para as telas, as produções de

teatro precisam ‘ralar’ e muito. Principalmente, partindo do princípio de que as principais casas de espetáculos teatrais do país apresentam poucos lugares para uma única sessão, ao contrário do cinema, que graças à retomada e às diferentes formas de incentivo, ganha cada vez mais salas de exibição em todo o país.

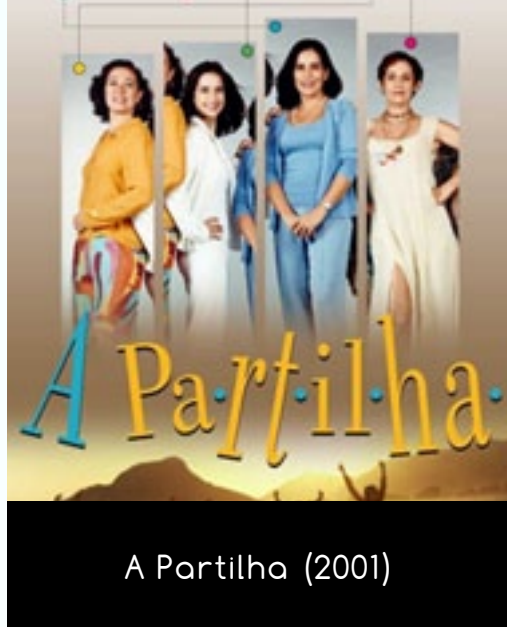
De acordo com a edição 2010 do Anuário de Estatísticas Culturais, produzido pelo Ministério da Cultura (MinC) e a Fundação Nacional de Artes (Funarte), o Brasil possui ao todo 1229 teatros e salas de espetáculos – sendo 44% deles concentrados nos estados de São

“... Eleva as possibilidades de exibição da obra...”

Paulo e Rio de Janeiro. Já as salas de cinema chegam a 2098, sendo 48% concentradas entre Rio e São Paulo. Os números revelam que a cultura brasileira está muito concentrada na Região Sudeste, o que diminui a difusão dessas vertentes culturais em estados menos populosos como Roraima e Acre, por exemplo. Ainda assim, ganhar uma adaptação para o cinema eleva a possibilidade de exibição da obra nos principais festivais de filmes do mundo, popu-

larizando internacionalmente os espetáculos teatrais.

A exemplo de peças que fizeram história ao sair dos teatros para as telas, três estão entre as principais no processo de elevação da chamada quinta arte em sétima: “Trair e Coçar é Só Começar”, de Marcos Caruso, “O Mistério de Irma Vap”, do autor americano Charles Ludlam e “A Partilha”, de Miguel Falabella, foram estrondosos sucessos teatrais que marcaram as décadas de 80 e 90, respectivamente, levando centenas de milhares de pessoas as salas de teatro de todo o Brasil. Encenada pelos atores Ney Latorraca e



Marco Nanini, sob direção de Marília Pêra, “Irma Vap” entrou para o livro dos recordes como a peça que mais tempo ficou em cartaz com o mesmo elenco (12 anos) e agora está imortalizada na versão cinematográfica “Irma Vap – O Retorno”, de Carla Camurati, desde 2006.

“A Partilha”, de Falabella, graças a sua versão para o cinema, diri-

gida por Daniel Filho, em 2001, ganhou visibilidade internacional e hoje continua sendo encenada em mais de 12 países mundo afora. No teatro, em 1991, trouxe as atrizes Arlete Salles, Natália do Valle, Suzana Vieira e Thereza Piffer, permanecendo durante seis anos ininterruptos com o mesmo elenco.

Por fim, a comédia “Trair e Coçar é só Começar”, também encenada na década de 80 e imor-

talizada no cinema em 2006, tornou-se um marco na carreira da saudosa atriz Henriqueta Briebe, que esteve à frente do elenco por 14 anos até a sua morte.

A transformação das artes é cada vez mais comum e sensata, no entanto, precisão na hora de adaptar é a alma do negócio, pois a complexidade da transposição abre espaço tanto para os sucessos quanto para os fracassos. ■



REVISTA
CRASE

Meio **milhão**
de **exibições.**

Isto é apenas o início.

(e continua crescendo...)

www.revistacrasedearte.com.br



Desejos camuflados no Cinema

A utopia consumista provocada pelo cinema.

por Clarissa Affonseca

Imaginem uma infinidade de câmeras voltadas para um só lugar, com a ânsia de captar todos os detalhes de uma história: das locações ao penteado do mocinho. Esses são os olhos dos espectadores de cinema,

que, a cada dia, tornam-se mais atentos às implícitas referências nas produções cinematográficas. Quem não se lembra do vestido que Audrey Hepburn usou no filme “Bonequinha de luxo”, na cena em que toma café

enquanto olha a vitrine da joalheria Tiffany? Ou do vestido branco que Marilyn Monroe usou em “O pecado mora ao lado”? Esses figurinos são lembrados e copiados no mundo todo mesmo depois de tanto tempo.

“...A imaginação
passa a tomar
conta...”

O fascínio por trás de todo esse deslumbramento está relacionado aos contos, mas a conexão das histórias com o espectador se dá de forma muito mais subjetiva e pessoal do que

pode parecer e, no final das contas, essa relação passa a ser mais um alvo de influência através das telonas.

A indústria norte-americana de cinema sempre produziu muitos filmes com temas substancialmente ocidentais e atuais para as épocas, causando um grau de familiaridade com seu público que transpassa os limites da ficção. Quem não quis ter a jaqueta de couro de James Dean e o chapéu de Indiana Jones?

Isso fica bem claro quando vemos milhões de pessoas em volta da televisão, esperando para ver a mais antiga premiação do cinema, o Oscar. Con-



A indústria do Tapete Vermelho

truditoriamente, a maior parte dessa multidão não está interessada em saber quem será o melhor ator ou atriz, nem - muito menos - o ganhador de melhor figurino, categoria mais apropriada para os espectadores. A vida deles para no segundo em que os primeiros artistas pisam no tapete vermelho. A cor do vestido, a grife, a maquiagem, tudo aquilo se torna uma fantasia mais próxima e

real. A imaginação passa a tomar conta. Afinal, não é essa também a intenção do cinema?

No entanto, não é só nesse tapete que a influência desses atores e atrizes se faz perceber. Esses garotos-propaganda circulam por aí divulgando filmes, participando de eventos de gala, lançando perfumes ou mesmo no caminho para a padaria... E, a cada apari-

ção, surgem mais fotos na internet, o que nos rende a possibilidade de saber todas as roupas e acessórios que nossos queridos ídolos estão usando. Aos desejos e sonhos já entranhados nessas pessoas, é adicionada mais uma

pequena cota, quem sabe mais acessível. Provavelmente não, mas o limite de cada um sempre está relacionado com sua imaginação, e se no cinema tudo é possível, por que aqui no mundo real tem de ser diferente? ■



Influência de Marilyn
Monroe

Seja diferente.

Seja **CRASE.**

Bianca Comparato

Um pouco sobre a vida da atriz Bianca Comparato.

por Rafael Farah





Quem nunca ouviu dizer que faltam talentos reais na geração Y? Ou que a paixão pela arte esvaece a cada momento? Afirmações verdadeiras, até certo ponto. Para ver a diferença de valor dada à nossa cultura, às nossas demonstrações artísticas, basta uma rápida pesquisa. Apenas recentemente, os “novos brasileiros” vêm percebendo a importância e riqueza de nossos espetáculos teatrais, nosso cinema e nossos artistas. As últimas décadas têm sido uma espécie de “reabilitação” para o povo brasileiro e a prova disso está a 1,54cm do chão.

Bianca Comparato nasceu no coração do Rio de Janeiro, na Lagoa. Deixou o país aos 3 anos para morar em Portugal, de onde retornou 8 anos depois. Em entrevista à Crase, Bianca mostrou-se extremamente carismática e de um profissionalismo admirável. Dona de um sorriso contagiante, exhibe simpatia ao contar um pouco de sua vida e principais trabalhos.

Ter pais conhecidos no seu campo de atuação pode, algumas vezes, ser difícil. Quando não é exigido um talento digno de histórias fantasiosas, muitas vezes um pré-julgamento é promo-



Maquiando-se para o espetáculo A Escola do Escândalo.

vido, já que na teoria, as portas já estariam abertas. Sem dúvida, essa atriz dinâmica já passou por situações parecidas, mas em momento algum se deixou abalar e, com muito talento e força de vontade, ela batalhou para chegar onde está.

Ciente dos prós e contras de ter um pai mundialmente famoso, a

jovem atriz conta - com uma atitude extremamente positiva - que rótulos são inevitáveis e, ainda brinca: “meu pai diz que agora eu não sou mais a filha do Doc Comparato, ele agora é o pai da Bianca Comparato”. De acordo com ela, nada substitui a influência positiva que o escritor tem sobre seu trabalho. Em poucos anos de carreira, a atriz

teve a oportunidade de trabalhar com artistas como Enrique Dias e Bel Garcia, que em suas palavras, são profissionais os quais ela sempre admirou.

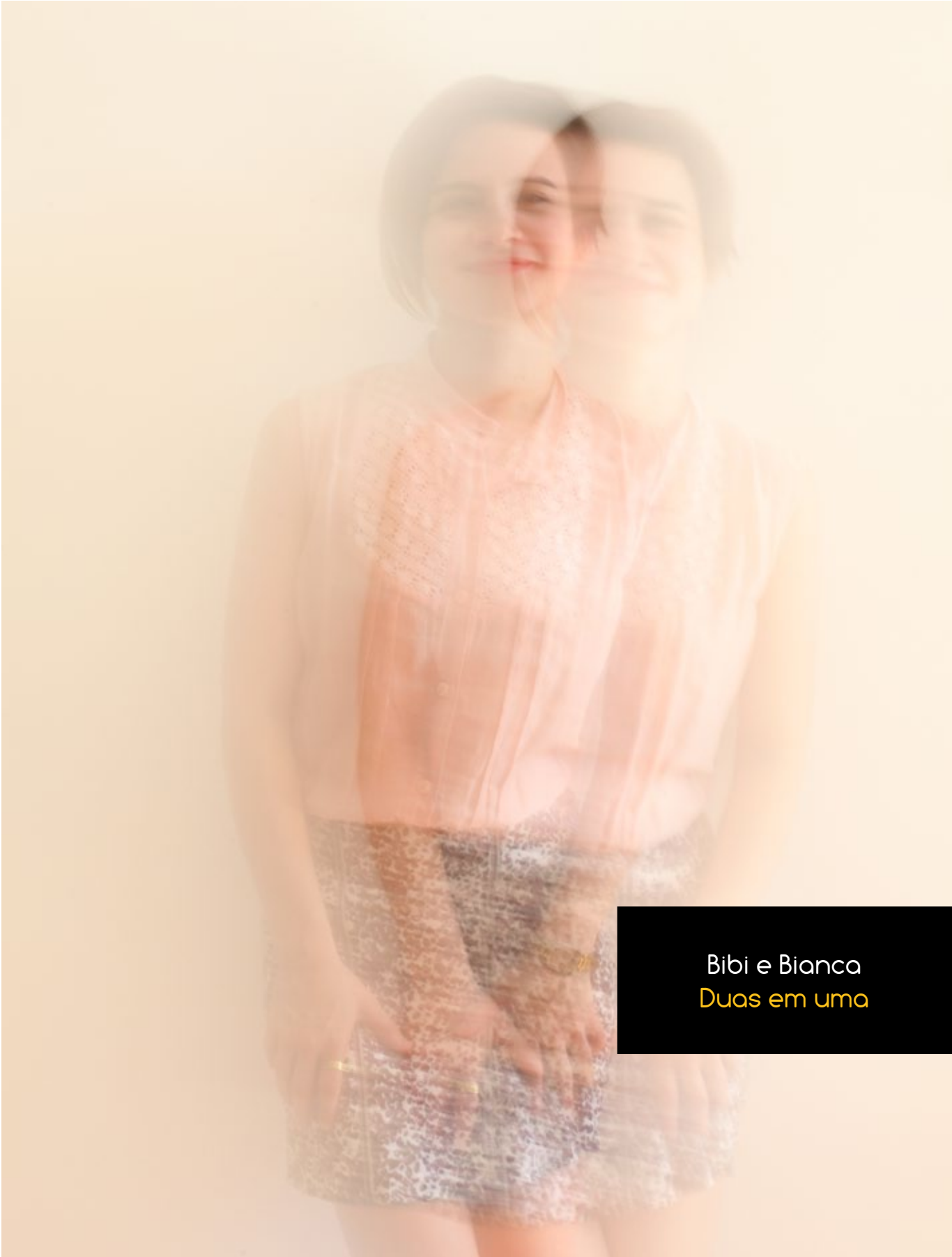
Quanto ao seu trabalho favorito, este é sempre o atual, diz Bianca, deixando claro o amor pelo que faz. , Com a incerteza de quem é apaixonada pelas artes, diz que não possui um segmento favorito, faria os três juntos se pudesse - cinema, televisão e teatro - apontando o aprendizado que leva de cada um.

Como qualquer profissional, a jovem também precisou superar alguns desafios. Ela

conta que está a todo o tempo pensando, racionalizando, e isso, muitas vezes, pode atrapalhar a contínua expressão de sentimentos a qual atores são submetidos no dia-a-dia de trabalho. Contudo, sempre que pisa no palco, entra em cena ou está em frente à câmera, deixa isso para trás e entrega-se ao papel.

Peregrinação Profissional

Com apenas 16 anos, Bianca recebeu um prêmio bastante cobiçado, dado pela Escola Britânica do Rio de Janeiro, ao se destacar nas aulas de teatro: um curso de três meses na Royal Academy of Dramatic Arts,



Bibi e Bianca
Duas em uma

uma das escolas de arte mais tradicionais de Londres. Voltou ao Brasil decidida a seguir seu caminho como atriz, mas seu pai – como grande parte dos pais – a convenceu de priorizar os estudos, e foi o que ela fez, ainda frequentando cursos como Tablado e Laura Alvim fora do horário escolar. Seu primeiro trabalho profissional foi no teatro, com o espetáculo “O Ateneu”, dirigido por Leonardo Brício, que debutava como diretor teatral.

“... Uma das melhores atrizes de sua geração...”

A pequena notável não parou mais de atuar desde então. Demorou para ter sua chance na TV, mesmo após ser descoberta por Daniel Berlinsky, produtor de elenco da Globo. Em suas palavras, “tinha medo de não ser respeitada no meio, então nunca recorri ao meu pai”.

Bibi, como é chamada pelos amigos, agora com 25 anos e formada em Cinema pela PUC Rio, já acumula uma bagagem impressionante de experiências – mesmo com a pouca idade -, inclusive na telona, em filmes como “Anjos do Sol” (2006), com direção de Rudi Lagemann, e “Como Esquecer”, filme



Anjos do Sol (2006)

da diretora Malu de Martino (2010). Participou de inúmeras séries, minis-séries e novelas - muitas vezes em mais de uma ao mesmo tempo. Empreendedora, a atriz não para em momento algum. Com energia invejável, ainda foi produtora e curadora da mostra sobre Marlon Brando, "Brando - O Ator no Cinema". O

termo workaholic poderia ser usado, não fosse a sua relação tão saudável com o trabalho.

Quanto Mais Trabalho, Melhor

Atualmente, Bianca vive em uma correria contínua, atuando ao lado de Maria Padilha e Ney Latorraca em "A Escola

do Escândalo”, adaptação do texto de Richard Sheridan por Miguel Falabella, enquanto produz e ensaia a peça “Lição nº18”, texto do próprio Doc Comparato, que estreia dia 17 de maio no Teatro Poeira, no Rio de Janeiro.

Indagada sobre a experiência de trabalhar com um texto do pai pela primeira vez, Bianca conta que, na última Páscoa, emocionou-se durante a leitura do roteiro, e recebeu a bênção dele, que tem a certeza do talento da filha.

Como se os dois espetáculos não fossem suficientes, em breve começarão as filmagens do longa-metragem sobre

Renato Russo “Somos Tão Jovens”, onde ela fará o papel de Carmen, irmã de Renato. A receita para tanta disposição é simples: se você ama o seu trabalho, não há cansaço que vá lhe fazer parar.

Considerada uma das melhores atrizes de sua geração, Bianca é exemplo de independência. Ela mostra que ninguém pode – ou deve – escrever nossas histórias. O sucesso é proporcional à dedicação e ao volume de trabalho posto em prática, seja qual for a sua área, sejam quais forem suas influências, facilidades e dificuldades. Juntos, talento e força de vontade são a chave para alcançar seus objetivos.■



Bianca durante
agradecimento ao
público.



Anjos do Sol (Brasil, 2006)

Maria é uma jovem de 12 anos, que mora no interior do nordeste brasileiro. No verão de 2002, ela é vendida por sua família a um recrutador de prostitutas. Após ser comprada em um leilão de meninas virgens, Maria é enviada a um prostíbulo localizado perto de um garimpo, na floresta amazônica.



Como Esquecer (Brasil, 2010)

Júlia é uma professora de literatura inglesa, que luta para reconstruir sua vida depois de viver uma intensa e duradoura relação amorosa com a enigmática Antônia. Uma trama instigante que fala de pessoas comuns enfrentando os desafios de superar as dores do passado e buscando uma nova chance de encontrar a felicidade.

ANUNCIE AQUI

Não gasta tinta nem papel.

contato@revistacrase.com.br



O Sonho - Henri Rousseau

Sonhando Acordado

A antítese dos sonhos.

por Rafael Farah

Uma vida equilibrada não é tarefa fácil. Entre questões profissionais e pessoais, nem sempre encontramos tempo para sonhar, uma condição essencial para qualquer pessoa, pois nos permite

esquecer - mesmo que por um momento - as vidas corridas que levamos. Em um mundo hiperbólico e cheio de platitudes, sonhar faz uso da metalinguagem e torna-se um sonho. Abandonar a realidade e mergulhar em um

mundo fictício é um trabalho, muitas vezes, hercúleo, dada a inabilidade do homem contemporâneo de se desligar do seu cotidiano. É, nesse momento, que o cinema entra para dar uma ajudinha.

Na ficção, são criados universos alternativos, mundos produzidos especificamente para nos arrancar da poltrona do cinema e nos transportar para um lugar onde tudo é possível. Apresenta-se aí uma chance de colocarmos a vida em pause, por uma hora ou duas, e nos desvencilharmos dos problemas que tanto nos assombram. Filmes como o mágico “Harry Potter” e clássicos como “De Volta

“...O cinema
cumpre o papel
de herói e vilão...”

Para o Futuro” e “Matrix” levaram e levam milhões de fãs a um estado de êxtase. Entretanto, o que acontece quando as histórias aparentam ser mais interessantes do que a própria vida? A genialidade impressa em superproduções como essas é tão contagiante que alguns decidem se tornar parte delas. O melhor exemplo disso foi – e ainda é – a repercussão que teve a franquia “Guerra Nas Estrelas”. Milhares de pessoas se converteram à “reli-

gião” Jedi. A intensidade do “sonho” foi tamanha que estes indivíduos não quiseram voltar às suas realidades. Não por completo. Assim como eles, milhões de elfos, magos, bruxos e super-heróis caminham na fronteira entre sonho e vida real.

Há, também, aqueles filmes tão viscerais e contextualmente reais que nos identificamos com cada curva da trajetória. Vemos as personagens como espelhos de nossas próprias personalidades, como em “Cisne Negro” e “Um Amor Para Recordar”. Situações específicas, ou, em alguns casos, histórias de vidas inteiras são representadas nas pro-

duções, criando a oportunidade de navegarmos pelo nosso íntimo e, até mesmo, de fazermos autoanálises em ambientes irreais.

Sonhar é fundamental. A rotina esmaece as cores e pode ser muito desgastante, monótona. Sonhos nos mantêm vivos para possibilidades, nos permitem continuar acreditando, nos afastam de navalhas e colapsos nervosos, mas perder-se neles nos impede de viver. Nesse contexto, o cinema cumpre o papel de herói e vilão, pois constrói mundos tão extraordinários, que esses são capazes de nos libertar ou nos aprisionar. ■



Sonho Causado Pelo Voo de uma Abelha
ao Redor de Uma Romã um Segundo
Antes de Acordar - Salvador Dalí





O Som do Silêncio

Quando a música vale mais que mil palavras.

por Cadu Senra

No início do século passado, o cinema surgia como uma das mais revolucionárias invenções do mundo moderno. Milhares de pessoas se amontoavam nas novas salas de projeção, maravilhadas em constatar, com seus próprios olhos, que as imagens podiam ganhar vida em uma enorme tela. Claro que o cinema em questão não passava perto do que

temos hoje em dia. Seus fantásticos efeitos especiais, tanto visuais quanto sonoros, nem sonhavam em existir. Tratava-se de uma versão mais crua, com imagens em preto e branco e os atores sem diálogos, já que as câmeras da época não captavam cores ou sons.

O silêncio, entretanto, não reinava nas antigas sessões de

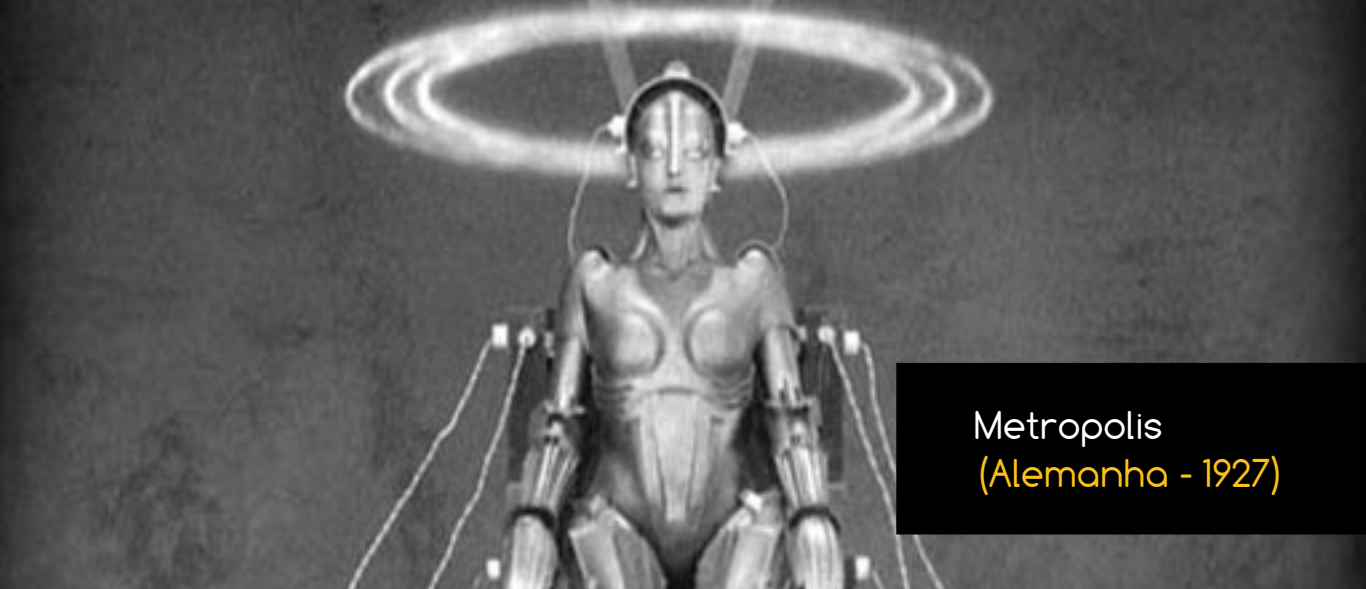
cinema. Todos os filmes eram acompanhados por uma enorme banda, que tocava a trilha sonora da película rodada. A função da música, no filme, era suprir a falta que a voz fazia, preenchendo esse vazio com as sensações necessárias para o entendimento da cena. Não só o tom da música importava, o bpm (batidas por minuto) e a dinâmica (a intensidade com que as notas são tocadas) também eram primordiais.

“...Passaram por um processo de simplificação...”

Em uma cena cômica, por exemplo, com

pessoas conversando e bebendo de bom humor, a trilha abusaria dos tons maiores (ditos “felizes”) e teria um bpm alto, para ilustrar o dinamismo da cena. Caso fosse uma cena mais sombria e misteriosa, como a de um filme de suspense, as notas acompanhariam esse raciocínio e seriam dissonantes e confusas, para que o público sentisse o desconforto da situação. Já quando algo surpreendente estivesse para acontecer, a dinâmica e o bpm da trilha seriam crescentes, preparando o público para o que viesse a seguir.

As músicas dos desenhos de “Tom e Jerry” são um belo exemplo de



Metropolis
(Alemanha - 1927)

como as trilhas sonoras funcionavam no cinema mudo. Nelas, todos os passos das personagens são minuciosamente acompanhados por uma canção, que revela todas as nuances sentimentais vivenciadas na tela.

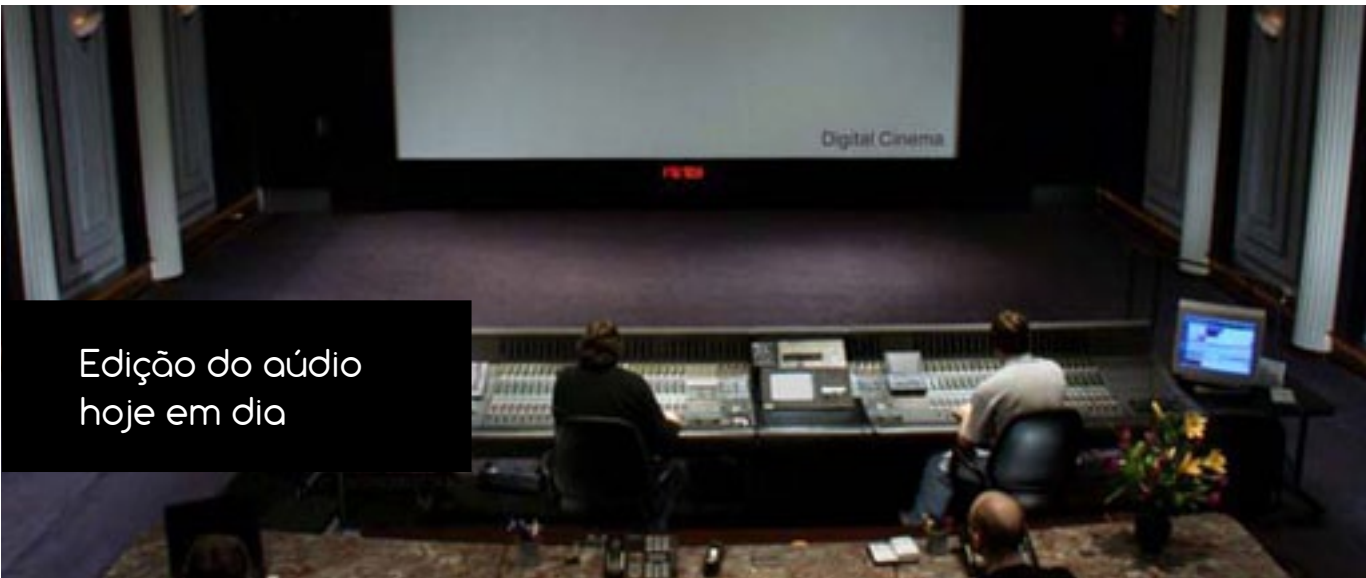
Um marco do cinema mudo que vale destacar é “Metrópolis”, com direção de Fritz Lang. O filme do final do século XX foi apresen-

tado mês passado, em uma curtíssima temporada no Teatro Municipal do Rio de Janeiro. A trilha sonora original do filme, composta por Gottfried Huppertz, foi tocada pela orquestra sinfônica do próprio teatro. Uma ótima oportunidade para a geração de espectadores contemporâneos se transportar para outra época, onde a concepção de cinema era mais artisticamente completa.

Após o cinema falado, as trilhas sonoras passaram por um processo de simplificação, mas nem por isso perderam sua importância. Alguns dos compositores imortalizados são: John Willians, cinco vezes vencedor do Oscar, que assina as trilhas de “Guerra nas Estrelas” e “Indiana Jones”; Hans Zimmer, vencedor do Oscar por “O Rei Leão” e indicado por “Gladiador”; Henry Mancini, que além da antológica música tema de “A Pantera Cor-

-de-Rosa”, também assina parte da trilha de “Bonequinha de Luxo”.

As artes, assim como os sentidos, se complementam. Isso não poderia ser diferente com a música e a sétima arte. Quanto mais estímulos recebem os sentidos, mais prazer eles proporcionam. Portanto, um bom filme depende muito de uma forte trilha sonora para se imortalizar, até porque não se veem pessoas cantarolando cenas de filme por aí. ■



Edição do áudio
hoje em dia

MINUS THE BEAR

O novo registro dessa surpreendente banda de Seattle é sem dúvida um divisor de águas. Um rock alternativo de raiz com uma pitada de música Lounge, trazendo uma perfeita simetria entre os arranjos de guitarra, teclado, baixo e bateria. É interessante ver que todos os instrumentos têm seus espaços muito bem definidos. O destaque fica para a faixa 7, “Into the Mirror”.

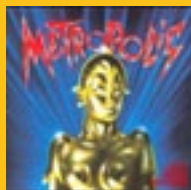
Álbum destaque:

OMNI (2010)



Metropolis

trilha sonora



Álbum destaque:

Metropolis (1927)

Simon & Garfunkel

Folk-Rock



Álbum destaque:

Sounds of Silence (1966)

PENSE

NÃO É ILEGAL AINDA

REVISTA
CRASE

Pra quem pensa.
Ao contrário.



Tragédia com Audiência

Como a imprensa abusa de tragédias para benefício próprio.

por Emílio Farah

Não faz nem um mês que esta Revista enalteceu algumas das vantagens que resultam do processo de informação instantânea. Na contramão dessas, tivemos o dissabor de acordar com a notícia, ao vivo, de um massacre de crian-

ças e adolescentes em uma escola, desta vez em nossa porta, aqui ao lado.

Veio imediatamente a imagem de Columbine, que mostrou-se atualíssimo sob a ótica da informação globalizada, mesmo já pas-

sados 12 longos anos. Ficou claro à época que as motivações, bem como sua execução, estavam plenamente adequadas àquele ambiente. Totalmente propício, segundo nossas acepções, para a deflagração de crimes de violência exacerbada. Afinal, lá era um país de “cowboys”, e ainda o é. Seria, em nossa petulância, conduta própria àquela mentalidade egocêntrica e beligerante. Ficava fácil explicar uma Columbine, em um país

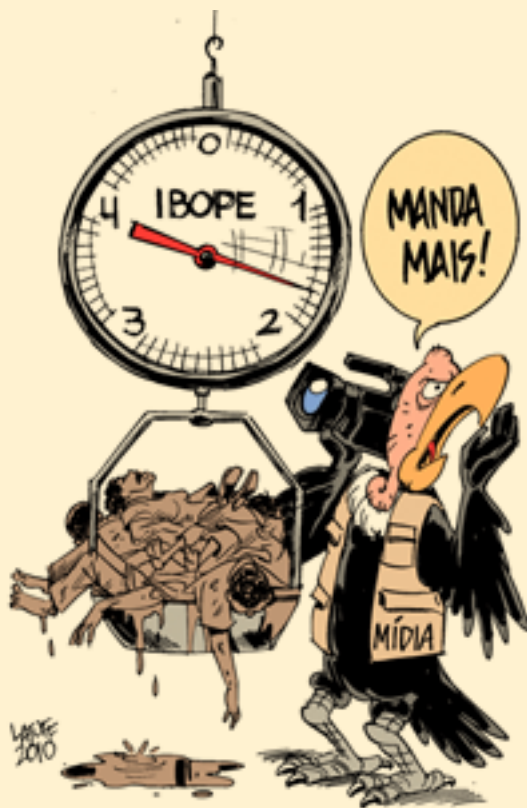
“...Retratou tristezas que deveriam ter sido choradas na intimidade...”

que permite que cada um ande com sua arma de fogo, ou a compre sem restrições aparentes. Eles seguem a lei do mais forte, e mais forte é quem tem uma arma.

Mas e agora, como explicar este comportamento aqui? Não somos, dentro de um contexto histórico, um povo reativo ou violento. Algo mudou com a universalização da informação, nossos malucos passaram a ter ferramentas, modelos, métodos e a grande possibilidade de terem seus 15 minutos de fama na televisão. Nossa imprensa livre faz valer o direito fundamental de “informação”. Um direito fundamental, constitucionalmente

garantido, deturpado para garantir o lucro imediato. Querem ver.

Durante todo o dia em que ocorreu a tragédia, e também nos dias seguintes, nossa grande imprensa mostrou e explicou aquele ato doentio. Em sua sede de audiência, nossa mídia televisiva retratou tristezas que deveriam ter sido choradas na intimidade das famílias, estampou a foto do homicida sob diversos ângulos, narrou todos os procedimentos adotados por uma pessoa doente, tratou de buscar justificativas para tal ato, como se as houvesse. Só faltou a tradicional pergunta: “Como o Sr(a). está se sentindo agora?”.



Mesmo já sabedores que se tratava de uma pessoa desequilibrada, informaram que o doente era ligado à religião muçulmana. Com que objetivo? Fomentar ódio religioso no Brasil. Em que buraco foi parar a ética profissional desses repórteres? Ou nem existe ética

nesta profissão? Liberdade de imprensa está atrelada a responsabilidade social. Aquela informação destemperada, lançada no vento pela repórter, teve como consequência demonstrações de intolerância religiosa contra um templo islâmico e seus seguidores.

Não há informação em tanta exposição. O que se pode apreender de um ato cometido por uma pessoa tão doente? Uma notícia que deveria ser de pesar e consternação coletiva foi transformada em show de horrores. Insinuações irresponsáveis e exposição da família do doente, igual a qualquer outra, à execração pública, foram

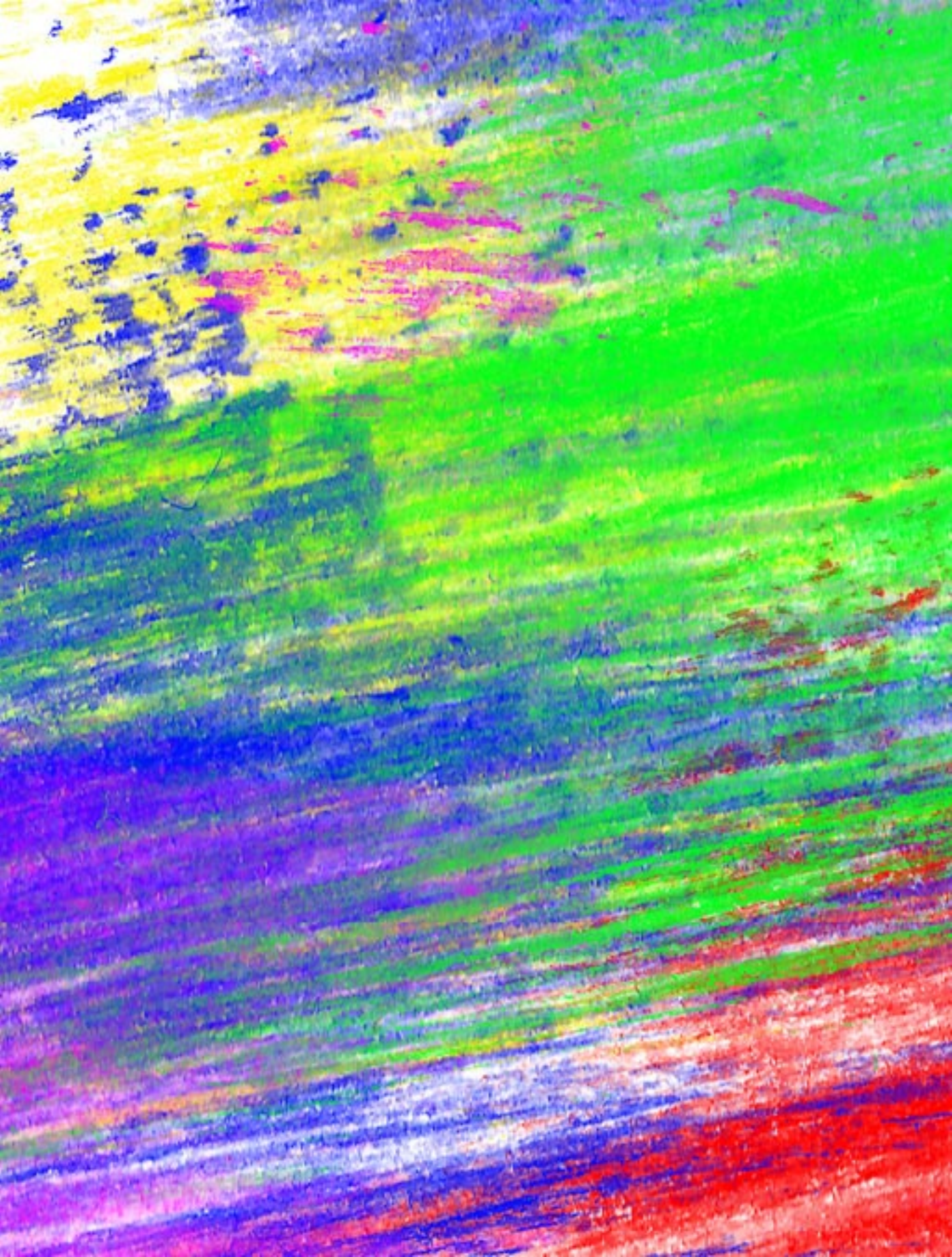
apresentadas como jornalismo e informação.

De todo trabalho sensacionalista dos jornais, somente resta a certeza que os outros sociopatas poderão iniciar seus próprios espetáculos, que contarão, infelizmente, com o apoio da mídia. E eles – os jornais – reclamam das discussões sobre controle social da imprensa. O que precisamos agora é de um Michael Moore, para que toda esta tragédia seja retratada em um filme que procure desvendar a verdadeira origem desta e de outras, que por certo virão. Quem sabe daí surja no Brasil uma imprensa livre, ética e comprometida com o interesse social. ■

QUANTOS CORPOS
ATÉ AGORA, HEIN?
HEIN? 20? 30?!



LATUFF
2010





Raphael Miguel é ator, roteirista e dramaturgo. Autor do espetáculo várias vezes premiado “As Mulheres da Rua 23”, “A Vigilante – Uma Comédia de Peso” e “Salto em Fúria”, que está previsto para estrear no segundo semestre deste ano, o escritor também é um dos criadores da Companhia de Teatro Autoral. Com bom humor de comediante nato, Raphael fala um pouco sobre a 7ª arte.

Sétima arte o que?

Eis que eu aterriso em “solo craseano” com a árdua missão de escrever sobre a sétima arte. Depois da pausa para o cafezinho, três respiradas fundas e ter confundido Sétima arte com a Sétima maravilha do mundo e escrito uma lauda inteira sobre o Cristo Redentor, vamos nós ao que de fato interessa.

Na verdade aproveito o espaço para tornar pública e notória uma coisa que sempre me angustiou durante anos: Eu nunca vi a segunda parte de ‘Titanic’. Não que eu tenha algo contra o Leonardo Di Caprio ou a Kate Winslet (longe de mim) mas filme longo me da sono e fome, e além do mais, a estatística comprova que uma hora de filme corresponde a um balde ‘big’ de pipoca e um copão de refrigerante. Imagina agora três horas? Vou entrar Hunt Grant e sair Vovozona 3, porque no “um” ela era uma anoréxica. E filme 3D? Deus me livre! Só se for óculos descartáveis. Alguém (fora eu) já parou pra pensar na quantidade de bactérias que sai do olho de alguém pro nosso? Agora que falei, deu nojo né?

E pra finalizar meu desabafo cidadãos 'cra-seanos' e, fiquem à vontade para jogar a primeira pedra aqueles que nunca pecaram, vai mais uma confissão. Eu amo filme água com açúcar do tipo 'O casamento do meu melhor amigo', esse já assiti mil vezes (mentira! Exagero de aquariano) e toda vez me bate uma raiva e fico com a pergunta que nunca quer calar: Como Dermot Mulroney escolheu ficar com Cameron Diaz e não com a Julia Roberts, tudo bem que a Cameron é uma gata, mas Julia Roberts é Julia Roberts! E afinal de contas quem já foi 'Uma linda mulher' nunca perde a majestade. Vou ficando por aqui porque vai dar um filme inédito na televisão que ainda não vi; 'De volta a Lagoa azul', mas antes disso anunciarei o vencedor:

- E o Oscar vai para Osama Bin Laden que com sua morte vai render um ótimo roteiro em 2012.

Raphael Miguel

Contato. Encontros para uma vi

www.contatonucleo.com.br

da melhor.

CONTATO

Núcleo de Estudos e Aplicação da Gestalt-Terapia

CRASE